

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.2 • 2024 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2024v10n2p660-673



DECOLONIALIDADE: A INTERAÇÃO DOS SABERES NO CENÁRIO DO SÉCULO XXI

DECOLONIALITY: THE INTERACTION OF KNOWLEDGER IN THE 21 CENTURY SCENARIO

DECOLONIALIDAD: LA INTERACCIÓN DEL CONOCIMIENTO EN EL ESCENARIO DEL SIGLO XXI

Cicera Pinheiro¹
Orivaldo Pimentel Lopes Júnior²

RESUMO

Este artigo explora o conhecimento construído sob a perspectiva teórica e metodológica decolonial com o objetivo de discutir brevemente as possibilidades de compreender este conhecimento como alternativa à percepção ocidental. Realçando a importância de rever o quadro conceitual moderno, a fim de entender como o projeto civilizatório na América Latina reflete no cenário do século XXI, essa proposta é importante porque problematiza a forma como a homogeneização do pensamento afetou outras formas as interpretações sobre o outro, bem como a ótica decolonial rebate tal posicionamento. Para tanto, tomamos como objetos de análise esta organização a partir da bibliografia que dialoga sob o método dedutivo de natureza qualitativa. A partir dessa metodologia, é possível compreender as circunstâncias que permitiram a sobreposição dos saberes uns aos outros mediante a ocultação da diversidade, aspecto que, para ser amplamente compreendido, requer estudo mais aprofundado.

PALAVRAS-CHAVE

Decolonialidade. Interdisciplinaridade. Relação. Dialógica.

ABSTRACT

This article explores knowledge constructed from the decolonial theoretical and methodological perspective, with the aim of briefly discussing the possibilities of understanding this knowledge as an alternative to Western perception. Emphasizing the importance of revisiting the modern conceptual framework in order to understand how the civilizing project in Latin America reflects on the 21st-century scenario, this proposal is significant because it problematizes how the homogenization of thought has affected other forms of interpretation about the “other,” as well as how the decolonial perspective challenges such a position. To this end, we analyze this organization through the bibliography that engages with the deductive method of a qualitative nature. Using this methodology, it is possible to understand the circumstances that allowed the imposition of one form of knowledge over others through the concealment of diversity, an aspect that, to be fully understood, requires further study.

KEYWORDS

Decoloniality; Interdisciplinarity; Dialogical; Relationship.

RESUMEN

Este artículo explora el conocimiento construido desde la perspectiva teórica y metodológica decolonial con el objetivo de discutir brevemente las posibilidades de comprender este conocimiento como alternativa a la percepción occidental. Destacando la importancia de revisar el marco conceptual moderno para entender cómo el proyecto civilizatorio en América Latina se refleja en el escenario del siglo XXI, esta propuesta es relevante porque problematiza la forma en que la homogenización del pensamiento ha afectado otras formas de interpretación sobre el “otro”, así como la perspectiva decolonial refuta dicha posición. Para ello, tomamos como objeto de análisis esta organización a partir de la bibliografía que dialoga mediante el método deductivo de naturaleza cualitativa. A partir de esta metodología, es posible comprender las circunstancias que permitieron la superposición de los saberes unos sobre otros mediante la ocultación de la diversidad, un aspecto que, para ser ampliamente comprendido, requiere un estudio más profundo.

PALABRAS CLAVE

Decolonialidad; interdisciplinarietà; relación; dialógico.

1 INTRODUÇÃO

O pensamento alternativo solicita que reconsideremos acontecimentos históricos e socioculturais a fim de promover diálogos entre os atores coexistentes no processo de formação, visto que uma marca de inflexão das referências teóricas nas ciências humanas emerge com o pensamento decolonial. Assim, abre-se uma nova possibilidade de analisar o século XX, marcado pelas lutas reivindicatórias e pelas guerras. Esta abordagem surge no momento crucial para pensar a reconceitualização dos sistemas autoritários sobretudo na América Latina.

A virada interdisciplinar posta em evidência por autores/as de postura decolonial com o objetivo de debater as diversas tradições teóricas e metodológicas, ocasionou, não por acaso, discussões polêmicas acerca da produção nas ciências humanas e sociais. Trata-se de questionar o conhecimento ocidental institucionalizado, bem como, os discursos globais que indicam a supremacia como meio de hegemonia, uma vez que reverbera na reprodução social da multinacionalização que opera como reelaboradora das subjetividades à custa da submissão ao regime político-econômico em evidência.

As redes de relações entre países da Nossa América, para usar um termo de Mara Vigoya, operam como mecanismos que fornecem análise crítica consistente aos fundamentos ocidentais. Estas estão associadas ao compartilhamento de impressões originais das abordagens teóricas e metodológicas coerentes com problemas da atualidade; como o controle migratório, a violência de gênero, militarização digital, crises sanitárias e questão socioambiental dentre outros que se entrecruzam mediante a lógica da globalização.

As circunstâncias postas no século corrente possibilitam a discussão do fenômeno da transformação recolocando as convicções do intenso progresso colonizador e as novas formas de colonialismo – como por exemplo o colonialismo digital, problematizado sob embate epistemológico que busca revigorar de forma criativa a ideia de relações.

Este trabalho se justifica pela pertinência do tema ao discutir uma pauta importante: a presença do pensamento decolonial na construção de um quadro conceitual fora dos parâmetros modernos. Importância essa que se estende na construção do conhecimento derivado do movimento interdisciplinar com a introdução cada vez mais próspera de autores/as da teoria decolonial nas ciências sociais, considerando sua trajetória de transformação no último século.

As bases teóricas para este artigo são aplicadas como empreendimento resultante de um longo processo na busca por espaço na tradição acadêmica. Consiste em apresentar o exercício intelectual dos/as autores/as que esboçam percepções contrárias a colonialidade do saber, mas também alternativas para pensar a natureza social sob viés próprio. Traz à baila a dialógica, como a que se apresenta entre a mudança de percepção e os impactos da ocidentalização na construção de conceitos e categorias incoerentes à diversidade.

Trabalhamos com autores que comungam do posicionamento político, embora adotando pontos de vista diferentes. Estes buscam refinar a discussão dando ênfase às contraposições, visando romper com os paradigmas eurocentrados por entenderem que os mesmos fragmentam o conhecimento. Ademais, desagregam as percepções acerca das diferenças, das experiências históricas, e das visões de mundo ao passo que negam possibilidades de emancipação epistêmica fora do quadro moderno.

A perspectiva decolonial em interação interdisciplinar sustenta nossa argumentação que se baseia no diálogo entre autores/as cujas referências trazem interrogações pertinente às ciências sociais. Fazemos uma explanação acerca do reconhecimento à diversidade dos aprendizados e das experiências, contraposta a percepção de mundo que domina desde o início da modernidade.

Dentre estes/as, destacamos (Vigoya, 2018), que problematiza a condição das mulheres na academia reconceitualizando a relação de poder inventada à sombra das diferentes formas de manipulação e pretende compreender a luz do entrelaçamento das dominações. Premissa que concorda com (Lugones, 2019) ao propor transgressão à ontologia moderna, no sentido de desconstrução de modelos categóricos excludentes, ao mesmo tempo que visa construir fundamentação consistente ao conhecimento como forma de reorganização epistêmica nas ciências humanas e sociais.

Enquanto metodologia, adotamos uma linha dialógica interdisciplinar, ressaltamos a descolonização das subjetividades na percepção de (Krenak, 2022), para quem a categoria da diferença deve ser explorada. Destarte, põe no cerne do problema o sujeito de experiências que carrega consigo uma carga socioafetiva com seu entorno – percepção que extrapola a dimensão política e epistêmica do ser humano, adverso ao pensamento essencialista.

Notamos na bibliografia presente neste trabalho, críticas pertinentes aos modelos de exploração em diferentes dimensões. Quais sejam, aspectos teóricos e metodológicos que potencializam a subversão do corpo e da mente. Demos ênfase ao conceito de *decolonialidade* segundo a percepção do ativista indígena (Krenak, 2020) em consonância a crítica decolonial de (Lugones, 2019) às dicotomias enraizadas na colonização, bem como utilizamos o conceito de *descolonização* no sentido adverso à colonização do pensamento.

As compreensões acima vêm corroborar com a noção de *decolonialidade* problematizadora da subalternização trazida por (Quijano, 2005) ao colocar no centro do problema, a classificação enquanto categoria que marca a perpetuação do poder político e econômico por uma elite. Este autor visa explicar que um novo projeto sociopolítico, cultural e econômico é alternativa para desnaturalização do violento processo de inferiorização da raça e por consequência de outras formas de inferiorização.

Além dessa bibliografia, trazemos reflexões que complementam a discussão sobre o problema em tela. Por se tratar de uma pesquisa exploratória, consideramos as interpretações de (Bispo, 2015; 2023) sem a preocupação de nos aprofundar no conceito de *contracolonia*, mas o apresentamos como ator importante no diálogo interdisciplinar que mira na resistência ao eurocentrismo acadêmico. Da mesma forma, citamos a *pós-colonialidade* de (Spivak, 2010; 2019; 2022), assim como os demais conceitos, numa inter-relação fundada no longo processo histórico e social que respalda a crítica a cumplicidade moderna na construção do conhecimento científico.

Esse trabalho é fruto da disciplina de Seminário temático II, do curso de Pós-graduação nas Ciências Sociais, concluída no primeiro semestre do ano de 2024. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de análise exploratória que segue o método qualitativo dedutivo. O instrumental analítico selecionado para este trabalho serve como fundamentação ao problema aqui posto, com vistas a análise mais aprofundada do objeto em questão.

2 DISCUSSÃO SOBRE O PODER VERSUS COMPARTILHAMENTO DE SABERES

Os fundamentos epistemológicos para as discussões sobre as relações de poder na atualidade, tendem a expressar cada vez mais os anseios de grupos marginalizados, socialmente ocultados, economicamente subordinados e politicamente invisibilizados, em detrimento da construção imperialista das relações na modernidade. (Vigoya, 2008), dentre outras estudiosas, tem contribuído de forma decisiva para a elevação do debate em torno da multiplicação do conhecimento científico, sobretudo na Nossa América – conceito que a autora utiliza em substituição ao termo América Latina.

O potencial crítico das teorias sul-americanas é apresentado, também, pela autora feminista María Lugones ao adotar a contraversão como subversão a construção da colonialidade do poder. Poder que se apropria do pensamento e da prática. Enquanto Vigoya defende novas práticas antropológicas femininas na academia, (Lugones, 2019) denuncia o sistema de relações de poder nas diversas formas de opressão sobreviventes às “coalizões” tensionadas entre a lógica da categorização dicotômica e a resistência do pensamento alternativo. Para ela, contestar é resistir.

Transformar o conhecimento científico, assim como adquirir novas concepções e práticas, no intuito de construir identidades na contemporaneidade, significa tanto para Lugones, quanto para Vigoya, compreender o processo de subversão dos valores. Ademais, a desumanização do humano, a divisão maniqueísta entre o bem e o mal e outros aspectos que configuram o aparato histórico e social das relações de opressão. Uma forma de autoconhecimento e conhecimento sobre os outros, para além das hierarquias ou construção dicotômica dos saberes, levará as pessoas a repensarem suas vivências sob o entrelaçamento da vida social.

A modernidade organiza o mundo ontologicamente em categorias atômicas, homogêneas e separáveis. A crítica das mulheres de cor e do Terceiro Mundo ao feminismo universalista coloca como central o fato de a intersecção de raça, classe, sexualidade e gênero extrapola as categorias da modernidade. Se mulher e negra são categorias homogêneas, atômicas, separáveis, sua intersecção nos mostra a falta de mulheres negras? ver mulheres não brancas é extrapolar essa lógica categórica. (Lugones, 2019, p. 357).

Autoras como Vigoya, 2018, Lugones; Spivak; Hill Collins, 2019, dentre outras pensadoras, contrariando a concepção universal dos saberes, incorporam a abordagem decolonial. Fazem isto a fim de transformar as formas de pensar os fenômenos da vida em sociedade observando características específicas das relações de grupos. A partir disto, buscaram entender no processo histórico a “subserviência” das periferias às metrópoles. Afora o rompimento com a ótica racionalista cartesiana, a discussão que apresentamos aqui mostra as possibilidades de avançar com a inserção da diversidade no campo intelectual, sobretudo as mulheres não-brancas.

Os aspectos das experiências sociais, problematizados pelas mulheres da academia, solicitam conhecer como e porque os fatores econômicos e políticos por si só são insuficientes para explicar a continuidade de ações excludentes. Dada a influência ou efeito que os modelos cognitivos, como a ideia de raça de (Quijano, 2005), legitimam a dominação que o objetivismo eurocentrado impõe.

Segundo esta premissa, considerar o panorama das relações de poder como pano de fundo da reprodução do colonialismo é indispensável, uma vez que nos leva à repensar as narrativas imperialistas e o nível de abstração com que trata as categorias correspondentes a raça, etnicidade, gênero e classe (Spivak, 2019). Não somente na América, mas nos países colonizados.

A despeito de como as ferramentas de opressão operam na tentativa de desmobilizar o pensamento transgressor, (Anzaldúa, 2009, p. 305) entende que muito importa a descolonização das instituições. Em detrimento da condução dada hierarquicamente, ela explora o espraiamento da dominação a partir dos elementos da comunicação oral, como a língua e a linguagem. Assim podemos explorar dois ângulos importantes; primeiro, o que diz respeito a suposta superioridade de uma língua sobre as outras, e depois a associação entre esta língua e o ideal de masculinidade moderno. O problema que fica é; a imposição do uso da língua – a exemplo do inglês – aos/as estudantes de origem latina, operam como estratégia de apagamento das diferentes formas de falar e como consequência disto, o apoderamento sobre o exercício intelectual?

Anzaldúa, debatendo acerca da fala dominante nas instituições acadêmicas, traz à baila uma discussão interessante que ajuda a compreender como a construção de novas linguagens reverberam na autoidentificação, essencialmente por meio do uso da língua estrangeira³. Por outro lado, é percebido que as populações latinas planejadamente criam formas de sobreviver a estas intervenções, conservando seus estilos linguísticos ao mesmo tempo que reconstróem sua etnicidade sob novas moldagens. Neste processo, o antigo e o novo viram componentes integrantes de expressões nascentes da continuada mudança. Diz a autora:

Próximo do fim do século, falantes do espanhol vão abranger o maior grupo minoritário nos EUA, um país onde estudantes no ensino médio e faculdades são encorajados a assistir aulas de francês porque o francês é considerado mais “culto”. Mas para uma língua se manter viva precisa ser usada. Perto do fim deste século, o inglês, e não o espanhol, será a língua materna da maioria dos chicanos e latinos. (Anzaldúa, 2009, p. 313).

Trata-se de uma previsão ou a constatação de uma prática efetiva na contemporaneidade? O relato de Anzaldúa sobre suas experiências acadêmicas ajudam a responder essa questão pertinente que ultrapassa a dimensão individual. É uma questão de identidade que abarca grupos de pessoas cujos conflitos internos ou “fronteiriços”, passam pela negação do eu, anulação de culturas, mas também tenacidade na reversão do quadro negativo rumo a integração real das identidades.

A comunicação, no entanto, deveria atravessar determinadas fronteiras do agir e do pensar. Mas para isso, requereria uma reflexão transformadora da lógica separatista entre os sujeitos. Uma transformação permitiria retomar a ciência sobre o que (Bispo, 2023) denomina “relação orgânica” por entender que a relação de poder imposta pela lógica colonial castra o real sentido das interações

³ Referente ao inglês e ao espanhol enquanto línguas dos colonizadores, mas poderíamos acrescentar o português talvez de modo ainda mais evidente, dada a eliminação praticamente total de outras línguas no território brasileiro, angolano e moçambicano.

entre os seres. Ou mesmo não cabe nos conceitos universalizantes os “modos de vivências”⁴, porque estes exigem a transgressão em que o jogo das palavras é a possibilidade de germinar conceitos significativos às diferentes formas de vida.

Se Anzaldúa aposta na transformação de uma cultura mediante apagamento da língua, para (Bispo, 2023) é importante enxergar nas palavras um meio de desconstruir o vocabulário hierarquizante, desde que elas sejam usadas a fim de fortalecer a ancestralidade do saber. Ao mesmo tempo que por meio das palavras se enfraquece o processo de dominação, haja vista possibilidade de usá-las como forma estratégica para contrariar a especulação colonial.

Sob o horizonte decolonial, bem como o contracolonial, cai por terra o argumento de que é preciso entender todas as coisas a partir de um começo, meio e final – referência que se mantém sob critérios e padrões estabelecidos por modelos hegemônicos. Não obstante, desmontá-la para ressignificar noções de humanidade, de bem comum e, na mesma medida compartilhando tais noções, é necessário. Por meio da interação com o diverso, sinalizam (Bispo, 2015; 2023) e (Krenak, 2022), que sob a confluência do jogo das palavras podemos mudar a forma como enxergamos a experiência com o mundo das coisas.

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que, nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluralista dos povos politeístas. (Bispo, 2015, p. 89)

Para além de significar um posicionamento político e científico, a contra colonialidade de Bispo explica a ordem das relações segundo o pensamento monista, contrapondo à isto a “confluência”, que se volta às experiências concretas. Se aplica a noção de construção política e social onde a ideia de circularidade ao invés de verticalidade, dá sentido ao que denomina “biointeração”. Ou seja, uma interação que permite a partir do viver em comunidade renovar noções de políticas e de cultura.

O desafio de tornar a contra perspectiva da colonialidade possível, implica apresentar meios válidos para o debate acadêmico e político sobre redes de relações. Sejam estas, de gênero, classe ou socioambientais que na ótica global, estiveram sob estímulos bastante restritos, conforme mostra (Rioja, 2023) e (Krenak, 2022). Um rompimento com a tradicional narrativa ocidental requer sobretudo uma vigorosa análise sobre a coexistência de pluralidades, ante a urgência de reconhecer as demandas atuais dos sistemas. A versão decolonial dialoga de maneira interdisciplinar colocando no centro dessa discussão a relação humano/não-humano ao problematizar a noção de coletivos onde tais sistemas se conectam entre si.

O processo civilizatório moderno demandou adentrar todas as fronteiras do pensamento e da vida na medida em que o almejado progresso colonial foi adiante com um processo que deixou de considerar a pluralidade de narrativas (Krenak, 2022). No plano científico, político e econômico prevaleceu o projeto colonial que marca a separação própria da relação dicotômica perpetuada no contexto das ciências sociais. Contrário a este movimento, uma nova cartografia é possível para que compreendamos a “Pacha Mama” como lugar comum onde não cabe mais a ideia de única herança cultural.

⁴ Conceito utilizado por Antônio Bispo para se referir a dinâmica da construção dos elementos enquanto integrantes de uma comunidade. cultura para os colonizadores igual a modos de vivência para o contracolonialismo (2023).

A descolonização do pensamento defendida por Krenak, não basta observar o fenômeno da mudança porque também é preciso criar “mundos possíveis” restituindo o debate acerca do sentido ecológico não apartado da dimensão espiritual e material. Esse pensamento, vai de encontro as violações e procura combater o apagamento das pluralidades culturais.

A guinada do conhecimento aposta (Torres-Ruíz; Figueredo, 2023) na interdisciplinaridade das ciências sociais como ferramenta indispensável no trato da produção sobre a América Latina. Uma contraproposta ao essencialismo moderno que castra as noções de humanidade e identidade e com isso contribui para a perpetuação das referências dicotômicas na sociedade.

Abordagens interdisciplinares podem resgatar identidades desperdiçadas no quadro moderno e destoa dos artificios do que (Torres-Ruíz e Figueredo, 2023) denominam “ação predadora” das plataformas digitais próprias da contemporaneidade. A despeito disto, a noção de democracia, de identidade, de coletividade e cidadania política deve ser um mecanismo de mudança a produção do aparato das ciências sociais na América Latina.

3 RELAÇÃO SUJEITO/SUJEITO NA DIFERENÇA SOB O EFEITO DA DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Segundo (Krenak, 2022), é preciso despertar para noção de que todos os seres agem de alguma forma. Que ao tratar do futuro, as questões de interesse mútuo sejam o que orienta a discussão política com vistas a vida em comunidade. Isso implica necessariamente na prática do cuidado e do pensar para além da crença retilínea no padrão único de identidade. Posto que, o fenômeno da mudança conforme afirma Glissant, 2005, decorre do contato entre costumes e línguas diferentes ao passar pelo processo de criouliização. Configuração importante na construção da identidade e que ajuda a compreender a desigualdade entre culturas, sobretudo as que denomina compósita, tais quais na América e no Caribe.

Para além da análise de cunho linguístico, Glissant (2005) mostra como quando o quadro conceitual é moldado conforme uma ideia, predomina e subjuga todo e qualquer elemento da cultura que não atende as expectativas da modernidade. Todavia, a História mostra que o entrelaçamento de tais elementos tão originalmente heterogêneos produz resultados imprevisíveis. A língua seria um meio que transforma as percepções dos sujeitos e a si própria em contato com o diverso. A instabilidade problematizada aqui confirma o equívoco que é o unilateralismo ocidental para quem a identidade permanece inalterada.

Glissant (2005) contrariando o essencialismo moderno, sinaliza que as culturas se chocam ao mesmo tempo que se conectam por serem plurais, o que as levam a atuarem como construtoras, desconstrutoras e reconstrutoras de identidades que se formam permanente. Trata-se de recolocar a pluralidade das relações reconfigurando a teoria e a prática.

O não reconhecimento do Outro é oriundo do processo de desumanização e dominação que condiciona a sociedade à lógica do poder. Isto reverbera em formas de dominação delineando diversos tipos de violência, sejam elas de gênero, de classe e/ou de raça (Lugones, 2008). A compreensão de como se constituiu a colonialidade do poder e como se opera esse sistema, se encontra na forma em

como as relações se estabeleceram para colonizadores/colonizados. Em territórios onde outrora as pessoas viviam sob organização comunitária.

Como a relação de gênero e raça afetada pela imposição das classificações e estereótipos, a relação dos seres humanos com o resto da natureza também foi desconfigurada do seu sentido original. Transformação diretamente alinhada aos interesses do capitalismo e à sombra da europeização do mundo, cujas características são constatadas nas narrativas particularmente generalizantes que desconsideram outros pontos de vista, (Rioja; Rinke, 2023). Nisso, o papel periférico da América Latina estivera inscrito na trama política, econômica e social enquanto coadjuvante ao passo que desligado da sua forma de produzir conhecimento.

A hegemonia conceitual do plano teórico e metodológico que atravessaram os séculos XIX e XX, acabaria fortalecida nas academias. Segundo (Rioja e Rinke, 2023), a produção de narrativas com a finalidade de interpretar a geografia e a história numa perspectiva global, partiu de contextos nacionais das potências econômicas e políticas. No entanto, enquanto alternativa a estas narrativas, surgiu a histórica global, que enfatiza acontecimentos mediante análises historiográficas das interações entre o local e o global.

O impulso intelectual, que recupera atores importantes da construção histórica demanda portanto, compreender duas questões preliminares. Primeiro, dissuadir a prática do nacionalismo histórico europeizado como único meio de analisar o passado (Rioja e Rinke, 2023). Depois, construir uma contextualização metodológica que aponte para as conexões existentes entre as interações fenomênicas, de modo a representar a perspectiva transnacional na América Latina, a partir de suas próprias fontes.

O modelo acima mencionado, em sua forma original, no entanto, é a possibilidade de explorar a concepção de identidades sob viés histórico global – segundo a ótica da América Latina –, subvertendo a noção de sujeito coadjuvante x protagonista, imposto pelo nacionalismo metodológico ocidental (Rioja, Rinke, 2023). Ou seja, pensar realidades múltiplas a partir de recursos epistemológicos próprios, como demandado por Reinhardt (2017), para quem uma perspectiva antropológica latino-americana deve exigir de si própria enquanto campo do conhecimento, autocrítica e autorrevisão ao se debruçar sobre as culturas não ocidentais.

Ademais, a ideia de colaboração entre interlocutores seria o que (Reinhardt, 2017) analisa como evidência de que o debate geopolítico do século XX sobre o trabalho em campo culminou numa noção de simetria que avança para o diálogo interdisciplinar. Contexto em que a crítica decolonial tem um papel relevante como ator da mudança, uma vez que problematiza o plano teórico e prático da subalternidade pela ótica descolonizadora do pensamento, além de romper com a violência epistêmica via construção dialógica entre os sujeitos.

A consciência interdisciplinar implica na construção dialógica do contato entre as percepções de mundo, uma proposta de noções de identidade que desafie verdades absolutas e classistas, como a discussão de Viveiros de Castro (2002) acerca da relação “Eu e o Outro”. Esta relação não esbarra nas percepções que temos sobre o desconhecido por que este, via de regra, se percebe em si mesmo em relação as coisas. As percepções que estão presentes na relação enquanto estrutura miram sobre a “possibilidade de pontos de vista” que se manifestam ante o processo reflexivo dos sujeitos. A dinâmica envolvendo essa estrutura faz surgir um problema epistemológico.

Ele diz respeito à questão propriamente transcendental da legitimidade atribuída aos discursos que entram em relação de conhecimento, e, em particular, às relações de ordem que se decide estatuir entre esses discursos, que certamente não são inatas, como tampouco o são seus pólos de enunciação. Ninguém nasce antropólogo, e menos ainda, por curioso que pareça, nativo. (Viveiros de Castro, 2002, p. 119)

Sobre o ponto de vista do nativo, é ressaltada a reciprocidade entre interlocutores no trabalho etnográfico. Entendendo que o olhar recíproco sobre alguma coisa constrói os sujeitos mediante relações de sentido para uma efetiva relação social, o foco da discussão é, portanto, o problema da alteridade dos discursos (Viveiros de Castro, 2002). Ele analisa como e porque a relação do antropólogo com o nativo ultrapassa as fronteiras da superficialidade das regras desiguais que operam sobre dado discurso.

Os processos cognitivos são instáveis e transformados mediante confronto dos saberes intrínsecos aos sujeitos/sujeitos, desestabilizados pelas diferentes formas discursivas. A diferença sob o viés decolonial requer, sobretudo, a compreensão de que a representação das ideias, são mantidas conforme pontos de vista divergentes, porém agregados, visto que “se a cultura é um sistema de diferenças, como gostavam de dizer os estruturalistas, então a natureza também o é: diferenças de diferenças” (Viveiros de Castro, 2002, p. 121). Por ocasião disto, o pensar a relação do ponto de vista universalizante dos conceitos, requer uma revisão rigorosa a partir da qual o discurso antropológico deve considerar a perspectiva do nativo.

As diferenças, partindo desse princípio, são percebidas na relação que os interlocutores estabelecem sobre a ótica do outro, e não a partir do que é compreendido sobre o ponto de vista do outro. A proposta de Viveiros de Castro de tratar as ideias nativas como conceitos, seria a alternativa que coloca lado a lado duas formas de pensar a diferença, sob o direito da expressão intelectual. A partir disto, compreender que a relação conceitual é em si, a noção relativa das falas e das ideias compartilhadas entre interlocutores. O conceito, portanto, “é uma relação complexa entre concepções, um agenciamento de intuições pré-conceituais” (Viveiros de Castro, 2002, p. 128), hipoteticamente, uma equivalência entre os conceitos antropológicos e os do nativo.

Para o projeto metodológico que visa reorganizar o debate em torno das relações entre os seres, é preciso, conforme a discussão endossada pelos autores que assumem a postura decolonial, compreensão clara de como a estrutura colonizadora se apoderou da psique, dos costumes, dos corpos, dos conceitos e dos quadros de referências. (Torrez-Ruiz e Figueredo, 2023) analisam que restituir o diálogo genuíno é indispensável para o curso das relações no século XXI. Sobretudo porque o avanço de problemas sociais associados as instabilidades políticas, aumento da violência contra minorias, crises sanitárias, dilemas ecológicos e ameaças às democracias, requer o engajamento e reflexão crítica dos atores envolvidos na produção do conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os teóricos mencionados nesse artigo conduzem uma proposta pertinente aos estudos das interações interdisciplinares proporcionando uma compreensão crítica acerca de temas que estão in-

terrelacionados. Nos possibilitou um resgate histórico da construção do conhecimento nas Ciências Sociais, ainda que de forma preliminar a despeito das causas circunstanciais das relações de poder, entendemos que tanto os acontecimentos históricos quanto os aspectos socioculturais ganham dimensão diferente na medida em são explorados a partir de referências local, ou seja, uma percepção desligada do ideal de civilização global e hegemônica.

Avaliamos que as provocações ampliadas pelo pensamento decolonial nas últimas décadas marcam a história das ciências humanas de forma positiva, uma vez que rompe com séculos de ideário científico autoritário. Por sua vez, ele preconiza que as percepções latino-americanas acerca dos processos sociopolíticos globais demandam ruptura com todo e qualquer tipo de violência. São premissas que desenvolvem os diferentes problemas de violência de modo a interagir, como a de gênero, a ecológica, a epistêmica, a política dentre outros. Isto indica que a resignificação dos eventos e aspectos sócio-históricos analisados da perspectiva decolonial é indispensável para compreender tais pendências no século XXI.

A Tendência decolonial eleva o debate científico para além da tradição acadêmica ocidental. Parece óbvio, porém quando refletimos sobre como e porque estudiosos/as da América Latina e do Caribe estiveram obscurecidos nas discussões acadêmicas, nos deparamos com a subserviência forçada. A relação desigual entre as periferias e as metrópoles figuraram desde sempre os empreendimentos práticos e discursivos. É possível perceber nesse movimento forma de desmobilização das tentativas contrárias ao pensamento dominante.

As análises clássicas a respeito das relações construídas de forma vertical, cujo modelo linear estabelece paradigmas rígidos e estáveis desde o princípio não dão conta de explicar a pluralidade dos fenômenos envolvendo todos os grupos. Em detrimento do quadro de referência conceitual moderno, os autores mencionados neste trabalho apresentam alternativas para uma leitura criteriosa dos valores sob os quais o sistema mundo opera. Para além disso, questiona como e porque em dadas circunstâncias histórico-geográficas, os eventos continuam a contribuir para a legitimação de padrões nas instituições científicas.

A dinâmica presente nas discussões trazidas na perspectiva decolonial é uma contra proposta surgida do processo de transformação na maneira de pensar. Mas também é a confirmação de que é preciso sofisticar o debate em torno de questões antigas, mas que ressurgem com nova roupagem. Trata-se de forjar alternativas aos esquemas conceituais que permitam refletir sobre os problemas micro/macro, local/global, considerando as interações entre os seres mediante influência mútua.

A literatura inserida no artigo pretende que o aporte teórico-metodológico interdisciplinar opere como estratégia do diálogo nas diferentes áreas do conhecimento construído em parceria. As relações aqui aparecem respeitando a diferença da diferença, ou seja, baseada na alteridade confirmada na percepção do sujeito sobre o objeto e vice-versa.

Concluimos que essa investigação bibliográfica procurou de forma introdutória discutir a noção de decolonialidade como um eixo a sustentar uma argumentação sobre diferentes direcionamentos não coloniais. Apesar dele se debruçar sobre estudos decoloniais, não pretendeu esgotar o riquíssimo quadro conceitual, haja vista, sua natureza exploratória. No entanto, este artigo aponta para reflexões futuras e pertinentes acerca das relações local/global natureza/cultura, eu/outro e sujeito/

objeto. Ademais, apresenta as estratégias metodológicas de viés dialógico proposto por autores/as que nas últimas décadas têm se destacado no campo das ciências sociais.

REFERÊNCIAS

ANZAUDUÁ, Glória. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da Língua portuguesa, Niterói, n. 39, p. 297-309, 2009.

DANOWSKI, Debora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro, Florianópolis: cultura e barbárie; Instituto Socioambiental, 2014.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Eunice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 14-39

FAUTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital: por uma Crítica Hacker-fanoniana**, São Paulo: Boitempo editorial, 2023.

HERNANDES, A.; CAMPOS-DELGADO, A. **Migracion e movilidad en las Américas**. Buenos Aires/Mexico: CLACSO/SIGLO XXI, 2023.

KRENAK, Ailton **Futuro ancestral**. Organização Rita Carelli *et al.* São Paulo: Companhia das Letras 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUGONES, María. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. []; Organização Heloísa Buarque de Hollanda *et al.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440 p.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005. p. 117-138.

REINHARDT, B.; Cesarino, L. Antropologia e crítica pós-colonial. **ILHA – Revista De Antropologia**, v. 19, p. 9-35, 2017.

RIOJAS, Carlo; RINKE, Stefan (coord.). **América Latina em la historia global**. Buenos Aires; Mexico: CLACSO/Siglo XXI, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos e significados**. Brasília: INCTi, UnB, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Crítica da razão pós-colonial**: por uma história do presente fugidio. Traduzido por Lucas Carpinelli. São Paulo: Filosófica Politeia, 2022.

TORRES-RUÍZ, René; FIGUEREDO, Dário Salinas ([coord.]). **Crisis política, autoritarismo y democracia**. Buenos Aires; México: CLACSO/Siglo XXI, 2023.

VIGOYA, Mara. **Entre la extraversión e las epistemologias “nuestramericanas”**. Conferencia impartida en el 9º Congreso Mundial de la Union internacional de Ciencias Antropológicas y Etnológicas (IUAES), 18, julio de 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, p. 113-148, 2002.

Recebido em: 15 de Agosto de 2024

Avaliado em: 12 de Novembro de 2024

Aceito em: 2 de Dezembro de 2024



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2024 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Mestra nas Ciências Sociais (2023); Especialista em gestão Educacional (2014); Graduada em Pedagogia pela Fundação Ulbra (2009) e em Ciências da Religião (2019); Professora dos anos iniciais - Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN.

E-mail: cicerapinheirobatista.patricia@gmail.com

2 Doutor (PUC – SP) e pós-doutor (Università degli Studi di Padova) em Ciências Sociais; Especialista em estudo da religião e da epistemologia das Ciências Sociais; Coordenador do PPGCS-UFRN, Grupo de Pesquisa Mythos-Logos e Plataforma Nosso Futuro Comum do Instituto Humanitas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8114-4169>.

E-mail: orivaldojr@yahoo.com.br

